

DA INFÂNCIA À VIDA ADULTA: o comportamento humano em todas as fases da vida

Gismar Monteiro Castro Rodrigues¹
Wendy Alves Oliveira²
Tatiana Bardassi³
Elisabeth V. de Oliveira⁴
Ângela Maria Duarte
Júlia Fernandes de Carvalho
Maria Rafaela de Brito Saraiva
Raquel Pontífice Mizael e Silva
Rosinei dos Santos Alves⁵

RESUMO

Desde os primórdios da humanidade a busca por se compreender o desenvolvimento humano é uma necessidade intrínseca a todo pesquisador. Há um imperativo em se desvendar quais são as principais características de cada fase da vida. O presente estudo trata-se de uma revisão da literatura a respeito das fases de desenvolvimento do ser humano evidenciando as principais características, segundo abordagens de Jean Piaget, Sigmund Freud e outros pesquisadores contemporâneos. Conclui-se que o processo do desenvolvimento humano tem um início e não um fim, visto que, somos seres em constante evolução.

Palavras-chave: Desenvolvimento Humano. Sigmund Freud. Jean Piaget. Comportamento Humano.

1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade a busca por se compreender o desenvolvimento humano é uma necessidade intrínseca a todo pesquisador. Há um imperativo em se desvendar quais são as principais características de cada fase da vida (da infância à vida adulta) do ser humano no que se refere às questões comportamentais e do desenvolvimento biopsicossocial.

Embora a ciência tenha evoluído muito em se tratando do desenvolvimento biopsicossocial, este tema ainda constitui em um desafio, visto que, em função de sua complexidade e dinâmica, há muito a ser desvendado. Segundo Agudo 2008 (p.8):

¹ Doutora, Mestre Ciências da Saúde. Coordenadora/docente dos cursos de Saúde da Libertas – Faculdades Integradas.

² Mestre em Psicologia. Docente curso Psicologia da Libertas – Faculdades Integradas.

³ Mestre em Gestão da Clínica. Docente curso Psicologia da Libertas – Faculdades Integradas.

⁴ Especialista em Gestão. Docente curso Psicologia da Libertas – Faculdades Integradas.

⁵ Acadêmicos da primeira turma (2021/2) de Psicologia da Libertas – Faculdades Integradas.

A vida é mais do que uma linha contínua, de desenvolvimento regular e ascendente. Os passos não se seguem, automaticamente, sem recuos e contradições, dificuldades ou desafios. No entanto, nestes múltiplos caminhos e diferentes experiências existe um fundo comum, uma proximidade e partilha da vivência humana que motiva a reflexão.

É imprescindível para os profissionais que atuam no contexto das ciências humanas conhecerem o padrão do comportamento humano em todas as etapas da vida. Assim sendo, este trabalho contribui sobremaneira para tal e, além disso, colabora para o planejamento de ações nos diversos campos: político, econômico, saúde, educação enfim, para a elaboração de projetos sociais voltados para o público infantojuvenil e adulto, segundo as características próprias de cada grupo etário.

Neste contexto o presente artigo teve como objetivo geral apontar as principais características de cada fase da vida (da infância à vida adulta) do ser humano no que se refere às questões comportamentais e do desenvolvimento biopsicossocial. Como objetivos específicos buscou relatar as características típicas do desenvolvimento na infância, na adolescência e na vida adulta.

Para tal a metodologia empregada na construção do estudo foi do tipo exploratória, descritiva e qualitativa. Realizou-se uma revisão de literatura no período de março a junho de 2021, sem recorte temporal, a partir de publicações disponíveis nos bancos de dados online PubMed (National Library of Medicine), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Scielo (Scientific Electronic Library Online) empregando-se os seguintes buscadores booleanos: “desenvolvimento humano” AND “infância”; “desenvolvimento humano” AND “adolescência”, “desenvolvimento humano” AND “adulto”.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A análise do desenvolvimento humano foi objeto de estudos de grandes pesquisadores ao longo dos tempos. Assim, Freud (1856-1939) e Piaget (1896-1980) estudaram a infância sob diferentes focos; enquanto Freud considerou o critério afetivo (comportamento do indivíduo frente aos seus objetos de prazer) em que dividiu o desenvolvimento infantil em fases sucessivas; Piaget voltou-se mais para o aspecto do desenvolvimento cognitivo, definindo quatro estágios⁶. Neste contexto, Maciel et al. (2016), analisaram as obras de ambos autores sob o ponto de vista da a temporalidade e moralidade do desenvolvimento infantil.

⁶ Estágios: (1) Sensório Motor.(2) Pré Operacional. (3) Operações Concretas.(4) Operações Formais. Maciel et al. (2016).

Haja vista que as concepções sobre adolescência foi ganhando, ao longo do tempo, olhares diferentes, sendo que, somente em 1904 Stanley Hall, foi pioneiro ao descrever a adolescência como um estágio especial do desenvolvimento humano (OLIVEIRA, 2006). Segundo Alves (2008), a adolescência vai muito além de deixar a infância pois mais do que transformações biológicas e sociais também há agregação de valores dentre outros aspectos extremamente relevantes que corroboram para a definição de identidade para a vida adulta.

Por sua vez, a transição para a fase adulta, caracteriza-se também mediante a capacidade de resolutibilidade, o que confere ganho da resposanbilidade em gerir uma vida adulta. Logo, a fase do adulto emergente representa um momento de construção da sua identidade (AGUDO, 2008; MONTEIRO et al, 2009).

2.1 INFÂNCIA

O tema da infância foi abordado, com distintos focos, por dois dos autores mais relevantes da Psicologia: Jean Piaget⁷ e Sigmund Freud⁸. Apesar das teorias de Freud e Piaget sobre o desenvolvimento infantil serem aparentemente incompatíveis ambas forneceram contribuições importantes e, acreditamos que é possível construir uma teoria sobre o desenvolvimento que se beneficie dessas articulações. Ao lado de Freud o trabalho de Piaget representa hoje o que de mais importante se produziu no século XX no campo da Psicologia do desenvolvimento infantil, embora, a rigor, Piaget não possa ser qualificado como psicólogo do desenvolvimento. Piaget e Freud revolucionaram a concepção de criança de sua época. O primeiro, entendendo que ela manifesta formas de inteligência desde muito cedo, o segundo, admitindo a sexualidade infantil. Para ambos os autores, desde bebê, a criança constrói a base das manifestações adultas posteriores, cognitivas para Piaget e psicosssexuais para Freud (GARBARINO, 2012).

Piaget não desconsidera a importância do contexto social no desenvolvimento infantil. As interações e transmissões sociais constituem importantes fatores que são ao mesmo tempo cognitivos e afetivos. Porém, ainda que sejam essenciais, não são suficientes por si mesmos, porque a ação social é ineficaz sem uma assimilação ativa da criança pois, na ótica piagetiana, a mediação universal do ser humano é a ação. Assim, a criança age mental e fisicamente para assimilar a informação que recebe do meio em um processo recíproco de socialização progressiva (PIAGET & INHELDER, 1972 apud MACIEL, 2006).

⁷ Jean Piaget : (1896 -1980) biólogo, psicólogo e epistemologista suíço.

⁸ Sigmund Freud : (1856 – 1939) médico neurologista e psiquiatra criador da psicanálise.

Neste contexto, o conteúdo do pensamento infantil sempre tem duas partes: uma de influência adulta e outra da reação original do infante. Logo, as crenças infantis são resultantes de ações influenciadas, porém não ditadas pelo indivíduo adulto (PIAGET, 2005, apud MACIEL, 2006).

Piaget divide os períodos do desenvolvimento humano de acordo com o aparecimento de novas qualidades do pensamento, o que, por sua vez, interfere no desenvolvimento global. [...] Segundo Piaget, cada período é caracterizado por aquilo que de melhor o indivíduo consegue fazer nas suas respectivas faixas etárias (BOCK, 2002, p. 100-101).

Piaget enfatiza a concepção de que o pensamento é dirigido por estruturas cognitivas cuja existência o homem ignora, embora estas direcionem o agir humano. Além disso, tais estruturas dependeriam das conexões de ideias ou dos mecanismos que podem ser utilizados pela mente e não são conscientes. Assim sendo, Piaget se aproxima de Freud, já que na teoria freudiana existiria uma dimensão que está além da consciência. No entanto, enquanto para Freud o inconsciente seria estruturado segundo mudanças afetivas, entre as quais o recalque⁹, para Piaget haveria uma cognição inconsciente, que não provém unicamente das transformações afetivas. Com essas formulações Piaget brinda-nos com uma contribuição inédita para a teoria do desenvolvimento infantil (MACIEL, 2006).

Falar sobre a infância é falar sobre algo indecifrável e enigmático. Talvez seria correto dizer que é a fase da vida em que somos crianças e por onde se inicia nosso aprendizado e nossas descobertas. Mas a infância se revela como sendo algo ainda mais complexo, talvez por isso vários pensadores desde a antiguidade vêm tentando entender e compreender o que Larosa (2001, p.183) caracterizou como “seres estranhos dos quais nada se sabe, esses seres selvagens que não entendem nossa língua”.

A infância, para Larosa (2001) é algo que procuramos explicar, nomear e intervir. Sabemos o que são as crianças e tentamos falar a língua delas para que nos entendam. No entanto, a infância acaba dando-nos uma retribuição, que está muito além de qualquer captura, capaz de confundir nosso conhecimento e que questiona a força de nossas práticas e nos instiga e nos fascina a cada dia.

De fato, a infância precisa ser entendida como uma etapa da vida em si mesma e não como uma preparação para algo que está por vir, logo, sendo um cidadão a quem cabe-lhe direitos garantidos legalmente.

Piaget, dividiu as fases de desenvolvimento infantil, segundo as características da maturação biológica, em quatro estágios: sensório motor (do nascimento até aproximadamente os 2 anos), pré-operacional (dois a sete anos), operacional concreto (sete aos 12 anos) e operações formais (a partir

⁹ Recalque: mecanismo mental de defesa que protege a pessoa de pensamentos que sejam contrários ao “eu”.

dos 12 anos). A passagem de estágios acontece quando a criança passa pela adaptação, acomodação e assimilação do conhecimento, possuindo um equilíbrio de maturação que rege este processo o qual faz a ligação do estágio anterior para o posterior (SCHIRMANN, 2019).

Já Freud fixou seu estudo no desenvolvimento psicosssexual humano, centrado nas seguintes fases: oral (0 – 1 ano), anal (1 – 3 anos), fálica (3 – 5 anos), período de latência (5 anos – puberdade) e fase genital (puberdade e vida adulta).

Seus relações com a vida sexual, entretanto, são particularmente significativas, já que constatamos pela psicanálise que, na criança, pulsão de saber é atraída, de maneira insuspeitadamente precoce e inesperadamente intensa, pelos problemas sexuais, e talvez seja até despertada por eles (FREUD, 2006, p. 183).

Apesar dos pontos de interseção e distanciamento as teorias de Piaget e Freud se complementam sendo ambas de importância fundamental para compreensão do desenvolvimento infantil, no que diz respeito às perspectivas psicológicas que buscam explicar o comportamento humano nesta etapa do desenvolvimento.

2.2 ADOLESCÊNCIA

A adolescência é a fase onde acontece a transição entre a infância e a vida adulta e é caracterizada por importantes mudanças físicas, psicológicas e sociais. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), ao falarmos de adolescentes estamos nos referindo a jovens com idade entre 10 e 19 anos. Neste período ocorrem mudanças notórias no corpo e no desenvolvimento cognitivo. Considera-se uma etapa complexa marcada por alta instabilidade e conflitos, portanto devemos nos atentar sobretudo aos seus aspectos comportamentais e adaptativos (OLIVEIRA, 2006).

Segundo Stanley Hall (1904), com a adolescência abrolham-se transformações diversificadas e de uma grande particularidade. As alterações que surgem nesta fase levam o adolescente a experiências diferenciadas e comportamentos recheados de vicissitudes. Mas quais as explicações para tantas mudanças nesse ciclo?

Conforme a concepção biológica, a puberdade marca o início da adolescência cuja ação de diversos hormônios influencia ainda mais o estado emocional. Piaget (2002) situa a adolescência no estágio das operações formais que caracteriza a passagem do pensamento concreto para o abstrato a partir da ação do sujeito sobre o mundo. Estas transformações causam conflitos interiores e incertezas, gerando grande variação biológica, impondo ao adolescente a difícil tarefa de lidar com as transições em seu corpo (SILVA, VIANA, e CARNEIRO, 2011).

(Adolescência) é um período da vida em que o corpo muda radicalmente de proporções, a puberdade genital muda o corpo e a imaginação com toda espécie de impulsos, a intimidade com o outro sexo se inicia e o futuro imediato o coloca diante de um número excessivo de possibilidades e escolhas conflitantes [...] ele (o adolescente) deve fazer uma série de seleções cada vez mais específicas de compromissos pessoais, ocupacionais, sexuais e ideológicos (ERIKSON, 1968, p. 132-245, apud ALVES, 2008, p.9).

Mudanças importantes na estrutura e no funcionamento do cérebro do adolescente também ocorrem durante esta fase e resultam em desenvolvimentos cognitivos e comportamentais que incluem uma mudança do pensamento concreto para o mais abstrato e complexo. Essas transformações são promovidas por ganhos durante o início da adolescência no que diz respeito à atenção, memória, velocidade de processamento e à metacognição. Além disso há aumento da busca de sensação e motivação de recompensa (que por vezes levam os adolescentes a terem comportamentos de risco) e à capacidade de autorregulação¹⁰ e de orientação futura (ALVES, 2008).

Uma das principais mudanças durante a adolescência envolve a renegociação das relações pai-filho. Os adolescentes se esforçam para ter mais independência e autonomia durante esse período e, diferentes aspectos da paternidade tornam-se mais evidentes o que pode inferir uma ideia de invasão, por parte dos pais, na intimidade dos filhos (OLIVEIRA, 2006; ALVES, 2008).

Logo, o controle psicológico paterno (ou dos responsáveis) sobre os adolescentes, por vezes impondo-lhes a pensar de maneiras específicas, é um dos fatores geradores de conflitos entre estas duas gerações. Por exemplo, a cobrança em colaborar com tarefas da rotina familiar, ter bons rendimentos escolares, fazer a seleção do curso e/ou profissão para inserção no mercado de trabalho e outras situações são razões para os atritos familiares. Neste pressuposto, é comum que o adolescente confronte os pais e apresente as suas teorias, geralmente opositoras. Enfim, é a idade da certeza em que os adolescentes estes não duvidam de suas ideias e opiniões e sentem-se prontos para mudar o mundo (ALVES, 2008).

Acreditam piamente naquilo, que seus pensamentos lhes dizem. Daí, a conclusão lógica de que todos os que têm ideias diferentes das suas só podem estar errados. Explica-se, assim, a sua dificuldade em lidar com opiniões discordantes. “Sei muito bem o que estou fazendo”: essa é a resposta padrão que eles usam para se destacar de uma advertência sobre um curso problemático de ação (ALVES, 2008, p.34)

¹⁰ Autorregulação: A autorregulação é a capacidade de compreender e gerenciar seu comportamento e suas reações a sentimentos e coisas que acontecem ao seu redor (Sroufe, 1995).

Uma característica do adolescente é a ânsia de viver fora do lar em busca de liberdade de moradia e de decidir sobre sua vida. Entretanto, tal atitude implica para o adolescente em responsabilidade financeira, ou seja, ter de arcar consigo mesmo. Todavia, este se depara com empecilhos para inserir-se no mercado de trabalho. A sociedade moderna com sua sofisticação tecnológica, passou a exigir um período prolongado de formação do profissional o que demanda tempo e investimento financeiro. Assim sendo, o adolescente necessitará do apoio dos pais cuja expectativa é que os filhos repitam as suas escolhas profissionais. Neste dilema, caso aceite a ‘sugestão paterna’ o adolescente corre o risco de frustrar-se futuramente. Por outro lado, considerando a imaturidade inerente a este jovem, ele obviamente necessita de orientação para conduzir uma escolha com responsabilidade (ALVES, 2008).

De Gaulejac (citado por Lucchiari, 1997) demonstra que o projeto dos pais se orienta por duas lógicas contraditórias: a primeira, de reprodução, em que o desejo deles é ver o filho continuando a sua própria história e, a segunda, de diferenciação, em que eles desejam que os filhos realizem tudo o que eles próprios não puderam realizar, encorajando a singularidade, a autonomia e a oposição (SANTOS, 2005).

Considerando as mudanças sociais que caracterizam a fase da adolescência, observa-se que há um ganho de autonomia em relação aos pais e que há um maior interesse em passar mais tempo com os colegas além de um despertar pelas relações românticas e pela sexualidade. Percebe-se aí que o ajustamento durante a adolescência se reflete na formação da identidade, que muitas vezes envolve um período de exploração seguido por compromissos com identidades específicas (ALVES, 2008).

Por fim, em função do turbilhão de emoções e energia típicas desta fase, os adolescentes acabam apresentando comportamentos de risco de forma bem constante. É um período em que precisam de uma atenção profunda, tanto do ninho familiar quanto das instituições escolares e da própria sociedade, sempre em prol de prepará-los para uma vida adulta exitosa, em que, além de cidadãos de fato, sejam homens e mulheres bem resolvidos e felizes (FERRONATO, 2015).

2.3 ADULTO

A Individuação constitui um dos processos mais relevantes no desenvolvimento dos jovens adultos. Por sua vez, o desenvolvimento físico é acompanhado pelo crescimento emocional, ambos pautados por desafios que, permanentemente, se colocam à sua capacidade de adaptação (MOTA; ROCHA, 2012).

Para Garrido e Requena (1996), o que chamamos de juventude poderia ser entendida como um processo de transição à vida adulta, uma espécie de “segundo nascimento”, onde cada qual precisa definir, adquirir e consolidar posições e papéis sociais por si mesmo. Consequente, mudanças passam a ocorrer como por exemplo, de estudante a trabalhador, como integrante da família a um chefe de família, como um estagiário a um subchefe ou até mesmo chefe, enfim o adolescente entra na vida adulta e passa a cumprir um novo papel na sociedade.

O período de transição da idade adulta jovem dá-se por volta dos trinta anos recebendo o apelido de Fase Noviça¹¹ em que se espera que o indivíduo esplandeça progressos significativos e encontre o modo de viver. Algumas vezes pode haver conflito de direção de vida expressa pelo sonho e, outras vezes pressionada pela família, como descreve Agudos (2008, p.11) apud Levinson (1977):

Deste modo, um período de transição é uma ponte, uma zona de fronteira, entre duas etapas de maior estabilidade, que envolve um processo de mudança, de uma estrutura para outra. A transição deve permitir aceitar as perdas envolvidas no término, avaliar o passado, decidir que aspectos do passado devem ser mantidos e quais rejeitados e começar o futuro.

A vida adulta é a fase na qual o indivíduo passa por grandes transformações. Esta etapa surge com novas responsabilidades, referências, conquistas e adaptações em que o ser humano tem uma maior compreensão de sua individualidade. Neste contexto, vê-se que o jovem, ao deixar o âmbito familiar, sente uma dificuldade de adaptação, pois tem na família (pais e irmãos) a principal fonte de apoio e segurança. Bello (2007, p.100) constata tal ideia:

“A família, no sentido próprio, é compreendida como a primeira célula da associação humana, porque nela são gerados os componentes de cada outra associação, e essa qualidade física é indubitavelmente predominante.”

Em contrapartida, o processo de transição para a vida adulta é algo embaraçoso e heterogêneo onde muitas vezes causa uma certa insegurança devido à independência econômica e também ao fato de que é preciso encarar a vida em sociedade, em todas as suas nuances, quer positivas ou negativas. É importante ressaltar, que nessa transição, jovem para vida adulta, o nível de autoconhecimento e controle de si já são bem mais estruturados do que na fase da adolescência para a de jovem, pois

¹¹ Fase Noviça: Formar o Sonho, tipo de vida que se quer ter como adulto, e dar-lhe lugar na estrutura de vida (AGUDOS, 2008, p.13).

agora ele já está mais preparado e seguro para lidar melhor com as suas emoções, medos e responsabilidades (MOTA; ROCHA, 2012).

Ademais, juntamente a fatores biofisiológicos que acompanham essas mudanças vêm vários questionamentos tais como; a busca constante do existencialismo e qual o sentido da vida. Sob tal ótica, na psicologia Viktor Emil Frankl (1905-1997), foi o mais proeminente psicólogo a estudar e questionar minuciosamente sobre o sentido da vida (SOMMHALDER,2010).

Vitor Frankl afirmava que o sentido da vida para o adulto está na valorização de pequenos a grandes momentos, os quais são influenciados pelas escolhas que a pessoa faz; más escolhas acarretam em sofrimento, porém, por sua vez, a dor pode ser um caminho para se tornar um homem de bem, segundo os padrões sociais e culturais vigentes. Prager (1997) apude Sommhaldler (2010), sanciona que:

Encontrar sentido está relacionado a um equilíbrio entre perdas e ganhos, dar significado para as atitudes e os eventos cotidianos e ter um propósito na vida. Os fatores internos, que estão ligados ao desenvolvimento do indivíduo, podem ser: personalidade, estratégias de enfrentamento, religiosidade, espiritualidade, sentimento de pertencimento, história de vida; já os fatores externos, que pertencem ao meio e corroboram para o significado que as pessoas dão à vida, relacionam-se a: oportunidades sociais, trabalho, renda, lazer, suprimento das necessidades básicas de sobrevivência e segurança.

Nesse viés, a omissão de sentido para a vida pode acarretar em alguns sintomas negativos como apatia, ansiedade e depressão. As mudanças e as tarefas, como a graduação profissional, o casamento e o ter filhos são importantes transformações na vida que podem desencadear crises depressivas se forem vividas como a perda de alguns aspectos da identidade do self¹² (GRINBERG & GRINBERG, 1976 apud AGUDO, 2008).

A vida adulta é marcada por múltiplos compromissos, tarefas, relacionamentos profissionais, sociais, familiares dentre outras demandas. Por sua vez, as dificuldades em lidar com todo este contexto podem levar a sintomas depressivos (SOMMERHALDER, & GOLDSTEIN, 2010).

Dado o seu caráter transitório, esta fase poderá constituir um período de crise e de conflito interior, em que o adulto se sente desmotivado, podendo ser mais enfatizado quando percebe que sua vida adulta não é aquela almejada enquanto adolescente. Por outro lado, o marco de transição para a idade adulta com o aumento da estabilidade, causa um efeito positivo, porém, quando nessa fase da vida existe dificuldade na progressão e desenvolvimento, e aumentam as preocupações sobre a

¹² Self: significa corpo físico, processo de pensamento e uma experiencia consciente de que alguém é único e se diferencia dos outros, o que envolve representações mental de experiências pessoais (GAZZANIGA & HEATHERTON, 2003)

identidade o efeito é negativo assinalado muitas vezes pelo acometimento de um humor depressivo (AGUDO, 2008).

É nato do ser humano buscar sempre a sua valorização pessoal, seja no emprego ou em outros âmbitos mas, se de certa forma, essa resposta não vier o indivíduo tende a evoluir para um estado depressivo e profundo, como descreve Agudo:

A vida é um pacote de ofertas especiais, que abrangem do ótimo ao péssimo, e para construir um caminho saudável, satisfatório e seguro há que integrar essas diferentes experiências num continuum que faça sentido para o próprio. Porque a vida é muito mais o que nós fazemos dela, do que o que ela faz de nós (AGUDOS, 2008, p. 58).

De fato, a vida adulta implica em muitos desafios, contudo, estes devem ser vistos como uma oportunidade de aprendizagem e de construção de melhores estratégias, de crescimento e amadurecimento, ou seja, de aprender a agir com resiliência diante das dificuldades que a vida impõe (AGUDO, 2008; SOMMHALDER,2010).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo do desenvolvimento humano tem início e não um fim.

Sendo a infância a primeira fase deste processo, a sua compreensão é imprescindível para o sucesso das etapas seguintes. Neste âmbito, as tentativas de uma articulação sólida e consistente segundo as perspectivas piagetiana e freudiana dão lugar a novas discussões, novos problemas de pesquisa e também novos olhares para antigas perguntas, a respeito do desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança. Pode-se dizer que o aprendizado infantil tem início a partir das descobertas e expressão da criatividade, ainda que de forma enigmática, portanto, precisa ser estimulado e valorizado.

Já a adolescência é o período do desenvolvimento humano cuja transição é caracterizada por mudanças radicais – tanto físicas quanto psicológicas – que representam além de uma transição, uma ruptura. Por tudo isso é uma época de conflitos e escolhas; os primeiros perante a geração anterior e os outros diante da necessidade de decidir a respeito de fatores, que definirão as próximas fases da vida, tais como profissão e relacionamentos. Por conseguinte, é uma fase em que o ser humano está extremamente vulnerável e necessita de apoio, orientação e compreensão para que possam ser capazes de decidirem com responsabilidade o futuro. E, esta ajuda, cabe não apenas a pais e/ou responsáveis, mas à toda sociedade.

A vida adulta inicia-se a partir da assunção de responsabilidades que outrora eram de posse dos progenitores. Espera-se que nesta fase os projetos e sonhos já estejam definidos e, apesar de surgirem desafios que gerem medo, estresse e frustrações estes devem ser vistos como uma ocorrência comum a todo ser humano, e que, ao enfrentá-los, com atitudes de resiliência, além do aprendizado, adquire-se experiência, autoconfiança e amadurecimento.

Somos seres em constante evolução, passamos por etapas na vida sempre em busca de plenitude. O sucesso da etapa seguinte depende diretamente da anterior, e, neste sentido, deve-se valorizar cada momento, especialmente o presente, porque dele depende todo o futuro de um adulto ciente de suas responsabilidades e capaz de gerir sua vida pessoal, familiar e profissional de modo pleno e, que, com certeza, irá refletir nas gerações vindouras.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUDO, V.R.C. **A Transição para a idade adulta e os seus marco**: que efeito na sintomatologia depressiva? Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) – Universidade de Lisboa, p.66, 2008.

ALVES, G. M. A construção da identidade do adolescente e a influência dos rótulos na mesma. 2008. 50 p. **Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia)** - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2008.

BELLO, A.A. **Família e Intersubjetividade**. Em: Família, subjetividade, vínculos. Carvalho, A.M.A.; Moreira, L.de V.de C. (Orgs). São Paulo: Paulinas, 2007.

FERRONATO, V. F. O. A Importância da Família na Formação Social do Adolescente. **Revista Educação**, São Paulo, v. 18, n. 24, p.3-9, 2015.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer (1920)**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GARBARINO, M. I. Crenças sobre a origem dos bebês em crianças de 4 a 9 anos: uma abordagem a partir da psicogênese piagetiana e da psicanálise freudiana. **Dissertação** (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

GARRIDO, R.; REQUENA, M. **La emancipación de los jóvenes en España**. Madrid: Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales / INJUVE, 1996.

LAROSA, J. **Pedagogia Profana: danças piruetas e outros mascarados**. Belo Horizonte: Autêntica. 2001.

MACIEL, M.R. et al. A infância em Piaget e o infantil em Freud: temporalidades e moralidades em questão. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP, v.20, p.329-337, 2016.

MONTEIRO, S. et al. Adulter emergente: na fronteira entre a adolescência e a adultez. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 2, n.1, p. 129-137, jan./jul. 2009.

MOTA, C.P.; ROCHA, M. Adolescência e Jovem Adultícia: Crescimento Pessoal, Separação-Individuação e o Jogo das Relações. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.28, n.3, p. 357-366, 2012.

OLIVEIRA, M. C. S. L. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 2, p. 427-436, mai./ago. 2006.

SANTOS, L. M. M. O papel da família e dos pares na escolha profissional. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 57-66, jan./abr. 2005.

SCHIRMANN, JEISY KELI ET AL. **Fases de desenvolvimento humano segundo Jean Piaget.** Anais VI CONEDU...Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/60497>>acesso em: 23/06/2021 17:37.

SILVA, P. S. M.; VIANA, M. N.; CARNEIRO, S. N. V. O desenvolvimento da adolescência na teoria de Piaget. **Psicologia.pt.** p. 1-15, 2011.

SOMMERHALDER, C., & GOLDSTEIN, L. L. O papel da religiosidade e da espiritualidade na vida adulta e na velhice. In E. V. Freitas, L. Py, F. A. X. Cançado, M. L. Gorzoni, & A. L. Neri (Eds.), **Tratado de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 2^a ed, p. 1307-1315,2010.